

## PÓS-GRADUAÇÃO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA: A QUESTÃO DA AUTORIA

Geraldina Porto Witter  
PUCCAMP/USP

### RESUMO

WITTER, Geraldina P. Pós-graduação e produção científica: a questão da autoria. *Trans-in-formação*, Campinas, PUCCAMP, 1 (1): 29-37 jan./abr. 1989.

Na decisão quanto a atribuição de autoria da produção científica gerada nos cursos de pós-graduação devem ser consideradas as variáveis: responsabilidade pelo projeto, envolvimento nas várias fases e produção, condições de realização, papéis do orientador, do professor e do aluno.

A produção científica de um país está muito relacionada com a atuação dos cursos de pós-graduação, quer pelo fazer científico dos mesmos quer pelo seu papel na formação de pesquisadores que irão atuar em outras entidades universitárias, ou não. Seu produto é relevante inclusive como veículo para a mudança da dependência para a interdependência científica, tecnológica e, conseqüentemente econômica e política. Justifica-se assim a preocupação com a análise, a avaliação, a reflexão em torno da produção dos referidos cursos (23). Desta preocupação tem surgido elementos, estudos e posicionamentos distintos envolvendo ora aspectos mais amplos, ora aspectos mais específicos.

De fato, muitos são os temas que merecem pesquisa e debate mais amplo no que tange à produção científica dos cursos de pós-graduação. Pesquisas na área podem fornecer elementos preciosos para a reflexão, a definição de estratégias políticas, a reformulação dos cursos. O crescente interesse pela avaliação do ensino superior, como vem ocorrendo no Brasil poderá, ser aplicado à produção científica e a outros aspectos dos cursos de pós-graduação, gerar elementos para a melhoria tanto qualitativa quanto quantitativa de sua produção.

Entre os muitos aspectos que envolvem a produção científica e que têm suscitado tomadas de posições contraditórias há um que, embora frequentemente debatido, raramente tem se convertido em texto impresso, viabilizando uma discussão mais ampla. Trata-se da questão da autoria.

A produção científica oriunda de um curso de pós-graduação concretiza-se predominantemente sob a forma de livros, teses, dissertações, artigos

publicados em revistas especializadas, podendo também aparecer como resumos em anais de congressos e de encontros similares (4).

Quem ou quais são os autores destes trabalhos? São docentes e alunos, embora predominantemente os levantamentos feitos sejam incompletos especialmente no tange aos alunos, posto que as instituições nem sempre têm um registro ou controle do que os mesmos publicam enquanto alunos. A discussão se coloca predominantemente em quem é o autor em trabalhos envolvendo professores e alunos e mais especificamente orientadores e orientandos.

Muitos destes trabalhos são de autoria de um só autor o qual, quer por motivação pessoal envolveu-se isoladamente em sua produção, quer por que esta condição é uma exigência institucional estabelecida legalmente para o trabalho(5). Assim, de um professor que elabora sua tese de livre-docência, ou trabalha em seu projeto de pesquisa vinculado ao seu regime de trabalho (ainda que conte com auxiliares de pesquisa) é exigida a apresentação de um produto final de sua autoria. É verdade que dependendo do tipo, variedade de dados e do nível de participação dos auxiliares, poderão surgir outras análises, outras comparações e, nestes casos, dependendo do nível de colaboração dos auxiliares estes poderão até mesmo aparecer em situação, de co-autores ou colaboradores, em trabalhos secundários decorrentes de dados não assimilados no relatório principal.

Outros trabalhos resultam de projetos realizados conjuntamente por dois ou mais professores do curso. Se em um deles alguém empenhou-se mais, teve maior responsabilidade pelo produto, então, seu nome deve aparecer em primeiro lugar vindo os demais como colaboradores. Todavia, se o nível de responsabilidade foi o mesmo, então, a ordem dos autores deve ser alfabética, ficando implícita a co-autoria. De qualquer forma, o crédito de publicação deve ser atribuído a todos. Aliás, é mesmo em certas circunstâncias mais valorizável a publicação em grupo, equipe ou por vários autores do que a de autor isolado. Isto é indício de linhas de pesquisa institucionalmente estabelecidos, de grupos de pesquisadores voltados para a mesma problemática, garantindo a continuidade as investigações mesmo com o afastamento de um ou mais deles da entidade.

A questão que se coloca é quanto a autoria nas situações em que a atuação ou participação de cada elemento não está claramente delineada. Isto ocorre com trabalhos realizados dentre as exigências de créditos nas disciplinas, especialmente quando resultam de pesquisa. Esta atividade pode ser realizada com graus diversos de participação docente e discente. Depende deste grau a autoria a ser computada às pessoas envolvidas.

Certamente, a proposição feita aqui poderá não agradar a todos, mas parece plausível, justa e tem sido empregada por muitos, inclusive pela autora do presente texto, ao longo de sua vida acadêmica, quer na graduação, quer na pós-graduação.

Quando o professor solicita um trabalho teórico ou de revisão da literatura, via de regra oferece o tema, às vezes faz algumas proposições de análise e de bibliografia básica, ponto de partida. Ao aluno (ou alunos) compete ir além na busca de referencial, na organização da informação, na produção do texto. Espera-se que o docente dê a assistência devida, tire dúvidas, reorientar o discurso, funcione como elemento de apoio e de sugestões. Que exerça mesmo o papel de "colega-crítico", como em um colégio invisível, sua responsabilidade não deve, especialmente nos cursos de pós-graduação, limitar-se à avaliação final do trabalho. Ela vai além, implica em fornecer ao aluno as pistas necessárias para melhorar o texto até que alcance condições de publicação se este alvo for estabelecido, se o tema e seu tratamento tiverem sido condizentes. Assim, por mais que a supervisão e a assistência docente tenha sido de grande ajuda para o(s) aluno(s) não lhe será atribuída qualquer autoria no trabalho, ela é de inteira responsabilidade dos que o concretizam. O crédito atribuível ao professor deve aparecer em nota de rodapé, indicativa de sua assistência e de que o trabalho integrou as exigências da disciplina por ele ministrada. A autoria é dos alunos, o professor cumpriu apenas seu papel de mestre.

Quando a tarefa implica em uma pesquisa, individual ou em grupo, o quadro já não é tão simples. Se o docente apenas oferece o tema, ou sugere, tendo por base o programa, dá a orientação teórica-metodológica; acompanha seu desenvolvimento modelando os discursos dos alunos, até o produto ter atingido o nível de publicação, o trabalho que executa é o esperado de um bom professor, faz parte de suas funções pedagógicas. Portanto, o crédito que merece diz respeito ao ministrar bem, eficiente e produtivamente a matéria pela qual se responsabilizou. O mérito de publicação científica deve ser atribuído ao(s) aluno(s). Espera-se que, até por uma questão de ética, seja feita uma menção ou acrescentado um agradecimento, em nota de rodapé, ao docente, podendo mesmo incluir menção ao curso. Ex.: "Trabalho apresentado no curso de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, na disciplina Aprendizagem e Informática do IP/USP, ministrada pelo Dr. Adail V. Castilho, em 1987" (7, p. 53).

Todavia, a pesquisa realizada dentro de uma disciplina pode ser uma atividade programada pelo professor, ou mesmo por um grupo de professores ou pelo Departamento. Os alunos podem participar em níveis diferentes, ora como auxiliares de pesquisa, ora envolvendo-se profundamente nas várias atividades, até mesmo na redação final. No primeiro caso, fazem juízo a um certificado e, dependendo de sua atuação, poderão mesmo receber um crédito em forma de agradecimento público, em rodapé que complementarmente a publicação do trabalho. Pode ser usada a mesma estratégia empregada para atribuir créditos a outras pessoas. Quando o envolvimento de professores e alunos ocorre no mesmo nível todos podem ser considerados como co-autores e a ordem alfabética deve ser mantida na apresentação dos autores,

como em trabalho assinado por Araújo (1) e demais responsáveis pela pesquisa: "Conceito de pesquisa: um estudo exploratório comparando perspectiva de pesquisadores e de leigos". Na hipótese do professor assumir a maior parte de trabalho e os alunos atuarem como colaboradores o nome do mesmo aparecerá em primeiro lugar.

Pelo exposto, o produto científico de pesquisa realizada como parte de trabalho acadêmico em uma dada disciplina poderá ser de autoria exclusiva de docente ou de aluno, tanto quanto colaboração e co-autoria entre ambos, dependendo de quanto cada qual partilhou do trabalho.

Outra questão problemática diz respeito à autoria das dissertações e teses quando se transformam em artigos e mesmo livros. Implícita nesta questão está toda a rica e complexa relação orientando-orientador, em que ambos desempenham inúmeros papéis. Esta relação e estes papéis estão estabelecidos formalmente, quanto a alguns aspectos burocráticos, nos regimentos dos cursos, mas nem sempre de maneira perfeitamente precisa, clara. Além disso, ela comporta aspectos psicossociais, políticos, ideológicos e outros que dificilmente poderiam aparecer explícitos nos documentos legais que norteiam um dado curso. A isto se acresce que são duas personalidades distintas que articulam seu saber-fazer-poder visando alvos comuns mas que também se diferenciam em aspectos relevantes. O orientador pretende que seu orientando venha a ser um cientista com os melhores predicados esperados para tal função, espera que o segundo busque esta mesma posição com perseverança, dedicação, criatividade e criticidade. Isto requer mais do que informação, exige aprendizagem de atitudes, de valores, modificação do comportamento. O orientador é co-responsável pelo conceito administrativo e público do curso em que atua, bem como pela produção científica dele emergente, incluindo a própria produção e a de seus orientandos, esperando-se ainda que colabore com seus colegas nas pesquisas que conduzem ou como especialista com quem se discute do planejamento à redação final, que se disponha a fazer as necessárias leituras de seus pré-textos, e até sugestões as mais variadas. Ele próprio deve estar engajado em uma linha de pesquisa que partilha com colegas e orientandos em busca do conhecimento de uma realidade.

Ao longo de uma linha e de programas de pesquisa o orientador pode ter infinidade de questões, de hipóteses que gostaria de pesquisar, bem como outras tantas de áreas conexas a que chegou por conta de seus dados e de suas reflexões. A amplitude de vida de um pesquisador por si só é insuficiente, assim, sabe que não disporá do tempo necessário para pesquisar mais do que algumas destas questões. Transferi-las e ajudar seus orientandos a ir em busca destas respostas é uma estratégia útil e compensadora pois através dela o orientador poderá satisfazer sua própria curiosidade e estimular o desenvolvimento da área de seu interesse. Daí em diante, se o aluno assume desde o planejamento, o produto final deve ser considerado

de sua autoria, não apenas a dissertação ou tese, mas também os artigos diretamente dela derivados. Ao orientador e ao curso, serão atribuídos os créditos de orientação e de condições básicas para a realização do trabalho. Estes créditos podem aparecer na Apresentação ou Prefácio quando se tratar de um livro ou em nota quando o suporte da informação for uma revista ou outro meio eletrônico computacional.

Evidentemente, é obrigação do orientador auxiliar, ensinar, discutir o trabalho de seu orientando em seus múltiplos aspectos, isto não o torna coautor, mas apenas o faz assumir o papel do colega mais experiente, do membro de um "colegiado invisível" que fornece apoio, que viabiliza o diálogo entre pares. O trabalho é de seu orientando e como tal deve ser visto e vivenciado pelo orientador, sem assumir-lhe a paternidade, por maior que seja seu envolvimento com o mesmo. Mais ainda, é preciso que cuide para seu relacionamento pessoal, especialmente afetivo, com seu orientado, não complique o quadro de sua participação como juiz crítico do trabalho que o mesmo realiza ou realizou.

Quando o orientador assume o trabalho de seu orientando como seu próprio, pode acabar por não dar margem suficiente para o desenvolvimento do outro, pode perder a perspectiva crítica para ser o primeiro interlocutor para seu orientando, pode ser perdida com isto até mesmo a condição para uma melhor produção. Além disso, ao longo dos muitos anos e participando de mais de 400 bancas e comissões examinadoras em que um orientador é quem conduz os trabalhos, quando ele assume o produto como seu, às vezes, perde a percepção das restrições e críticas que estão sendo feitas, outras vezes, as assimila como sendo uma crítica a sua pessoa e não ao que seu orientando produziu, pode perder de vista a relatividade e fluidez do momento de julgamento, permitir que a dimensão afetiva pertube a cognitiva. Também durante o processo de orientação pode assumir posturas dogmáticas, incompatíveis com as atitudes científicas, forçando o orientando a ler os dados e a própria literatura através de seu filtro pessoal, de sua ótica, sem dar-lhe oportunidade para elaborar sua própria interpretação, para fazer sua própria leitura. Em lugar de abrir um espaço para o outro ler/escrever/falar e depois dialogar, o orientador corre o risco de monologar ou, o que é pior, impor o seu discurso ao outro, não como sugestão mas como a única interpretação aceitável, mesmo quando outra é a ótica do orientando. Certamente, em algumas áreas esta situação é bem mais crítica, é o que ocorre quando se focaliza a área das chamadas ciências humanas onde o controle de pesquisa, a metodologia, a complexidade das variáveis, as restrições de generalização, as margens de erro, entre outros aspectos viabilizam leituras e releituras distintas e até mesmo antagônicas quando os parâmetros da ciência não são adequadamente observados.

Certamente, nenhum orientador pretende conscientemente contribuir para o quadro descrito no parágrafo anterior, mas mesmo sem estar ciente,

poderá incorporar o trabalho do orientando como se fosse seu. Pode não fazê-lo com todos, mas pode agir assim especialmente com aqueles que estiverem concretizando aquela pesquisa que ele gostaria de fazer, até mesmo cuja "idéia passou" ao seu pupilo. Aqui uma constante auto-avaliação e aplicação de estratégias e técnicas de auto-administração comportamental poderão ser de utilidade(6).

Mesmo sem dispor de dados precisos, com a vivência acumulada de orientação de cerca de 200 trabalhos de pesquisa, também cabe lembrar aqui que a interação orientando-orientador nunca é igual. Esta vivência pessoal mostrou-se peculiar, sendo distinta em cada caso. Embora deva haver padrões frequentes que caracterizam o modo de agir do orientador em relação aos seus orientandos, também deve haver flexibilidade para adaptar-se às características comportamentais de cada um, modo a obter o melhor para o desenvolvimento deles. Mais ainda, entre ambos permeia o próprio desenrolar da dissertação ou tese, envolve-os o contexto científico, político e ideológico do curso, bem como da vida privada de cada um, sem falar nas influências da comunidade científica e da sociedade como um todo. Sob o impacto destas variáveis e do próprio processo de orientação e das mudanças, sutis ou não, na interação orientando-orientador é que se chega ao produto científico. Como e quanto cada um se envolve com o produto varia mas, certamente, o produto é do orientando e assim deve ser visto e sentido pelo orientador por maior que seja sua contribuição. Portanto, o trabalho será publicado em nome do aluno.

Dentro desta gama de variação o orientador vai encontrar orientandos que poderão requerer mais auxílio, orientação e mesmo modelagem de resposta e no planejamento, outros na coleta, outros na análise e outros ainda na redação. Alguns poucos considerarão cada etapa como "a mais difícil", "aquela para a qual se sentem menos capacitados", sendo que uns podem mesmo encontrar-se despreparados para todas elas. Não importa, cabe ao orientador ir detectando as limitações de formação e de habilidades, indicando leituras complementares, cursos paralelos, programando atividades para suprir estas limitações. Se outros alunos poderão beneficiar-se de uma mesma programação ela poderá institucionalizar-se sob a forma de disciplinas, seminários, cursos de extensão, colóquios, vivências. Um balanço conjunto das necessidades de seus orientandos, feito pelos orientadores em grupo, poderá fornecer base para um bom planejamento de estratégias e programas que subsidiem seu trabalho, sem que tenham que "dar aulas particulares" ou "assumir o trabalho do orientando". Estas estratégias podem facilitar o devido distanciamento entre o orientador e o produto científico que seu orientando está produzindo.

Neste quadro, complexo muitas vezes, especialmente na interpretação ou na redação, orientador pode ter uma atuação demasiado presente, até mesmo no reelaborar, no reescrever partes do discurso de seu orientan-

do. Mesmo quando isto ocorre o trabalho de base ainda é de seu pupilo e como tal deve ser considerado.

Há ainda uma circunstância que merece alguma menção aqui. Muitas vezes é difícil a nível institucional e mesmo para orientadores discriminar níveis de produção científica distintas como o de dissertação e teses. Isto tende mais facilmente a ocorrer quando a instituição só dispõe de curso de mestrado, ou tem apenas iniciado o programa de doutorado, e os orientadores têm pouca experiência de trabalho ou de participação de exames nos dois níveis. A situação pode levar a solicitar do mestrando aquela produção que o doutorando deveria estar produzindo. Nestas circunstâncias, por um descompasso entre alvos não claramente definidos, quer para o orientando, quer para o orientador, quer para a instituição, muitos riscos podem ser corridos. Entre eles a do orientador tendendo a fazer solicitações de respostas em níveis em que seria de esperar no doutorado, poderá tender a assumir o trabalho de seu orientando, mais do que o devido, negando-lhe o tempo e o espaço necessário para seu crescimento pessoal. Certamente, em um parágrafo não se pode sequer enunciar toda a complexidade da questão, as divergências de concepção de pós-graduação, de avaliação, entre outros tópicos subjacentes. Assim, aqui apenas houve o intento de apontar para mais uma variável que pode influir na de um sentimento de autoria no caso do orientador, quando de fato, ele não teria direito a tanto.

Pelo exposto até aqui fica patente que as dissertações e teses são produto científico da autoria dos orientandos os quais quando as transformam em livros ou artigos de revistas também devem aparecer como autores individuais. Os créditos de orientação nas publicações devem ser devidamente mencionados, mas sem se atribuir co-autoria ou colaboração.

Todavia, há situação em que dos trabalhos do tipo aqui enfocado podem surgir publicações em co-autoria ou em colaboração. Isto pode ocorrer desde a tradução de obras consideradas básicas e que levem ambos a investir neste trabalho de forma equitativa, visando a facilitação do labor de outros, até a artigos distintos. Neste último caso, pode-se ter uma pesquisa paralela ou mesmo pré-requisito ou pré-teste da tese em que ambos trabalharam conjuntamente. Também pode ocorrer da pesquisa que serviu para a dissertação ou tese comportar um volume razoável de dados (ou sub-produtos) não diretamente pertinente aos seus objetivos e que trabalhados e analisados conjuntamente por orientando e orientador poderá servir de base para um artigo distinto dos decorrentes diretamente do discurso defendido para a obtenção do título. Aqui, dependendo da atuação de cada um, o trabalho poderá vir à luz como colaboração ou co-autoria. Outra possibilidade está em se dispor de um volume muito grande de dados e de viabilidade de análises e cruzamentos que tornariam a dissertação demasiadamente longa e dispersa. Neste caso, pode o mestrando optar por fazer outras análises e cruzamentos de dados, explorar de outro ângulo do que obtido, após a defe-

sa. Se o trabalho foi feito apenas por ele, bastará constar em nota que os dados foram colhidos como parte da dissertação ou tese, em tal curso, sob a orientação do Dr. X. Caso orientador e orientando se empenhem conjuntamente nesta atividade poderá novamente emergir um trabalho de co-autoria ou em colaboração. De qualquer forma, como a base de dados, a pesquisa básica é do orientando a este cabe a tomada de decisão quanto a participação ou não do orientador no que tange à autoria.

Evidentemente a questão da autoria da produção científica em um curso de pós-graduação é afetada também por outras variáveis que não foram aqui enfocadas. Entre elas podem ser lembradas as pressões para aumento da produção (de CAPES, CNPq, Reitoria e da própria comunidade); a avaliação da produção; as necessidades pessoais e as características de personalidade dos produtores; a filosofia, a política e a ideologia em que se apoia o curso; a estrutura psicossocial e de poder nele vigente, entre outros.

No âmbito das poucas páginas aqui apresentadas seria inviável enfocar esta multiplicidade de variáveis. Apenas foram apontadas algumas informações e vivências que viabilizam uma proposta para base de tomada de decisão na questão da autoria da produção científica dos cursos de pós-graduação. Em síntese, a decisão implica em uma adequada discriminação das tarefas de orientar e de produzir; do estabelecimento de critérios para definir quando o envolvimento é a nível de orientação, colegiado de apoio, colaboração e co-autoria; a transparência e clareza destes critérios deve ser partilhada por todos os envolvidos; a análise das circunstâncias e níveis de participação carecem de pesquisa; a decisão envolvendo autoria de alguns trabalhos pode ser partilhada pelos envolvidos, em outros parece não haver o que discutir, em outros ainda, cabe apenas ao orientando. Evidentemente, é preciso estar sempre aberto a rever estas posições especialmente à luz de pesquisas que venham a ser feitas na área, particularmente as envolvendo a relação orientando-orientador-produto científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Franca M.B.G. de; WITTER, Geraldina P.; MARTINS, Ledenice S.; RIBEIRO, Marciana L. & GIACOMETTI, Maria M. Conceito de pesquisa: um estudo exploratório comparando perspectivas de pesquisadores e leigos. **Estudos de Psicologia**, 5(1):56-73, 1988.
2. BERLINQUET, Louis. Science and technology for development. **Science**, 213(4):1073-76, 1981.
3. HARRISON, Anna J. Reflections on current issues in science and technology. **Science**, 215(2): 1061-63, 1982.
4. KATZ, Michael J. **Elements of the scientific paper**. London, Yale University Press, 1985.



5. LIPP, Marilda E.N.; SOUZA, Denise A.P. de; OLIVEIRA, Nione T.A. & OLIVEIRA, Luis Carlos. Pesquisa e publicação: os fatores motivacionais dos docentes de pós-graduação em psicologia no Brasil. **Estudos de Psicologia**, 5(1): 5-38, 1988.
6. STUART, Richard B. **Behavioral self-management**: strategies techniques and outcome. New York; Brunner/Mazel Publ., 1977.
7. WITTER, Carla. Atitudes de professores e alunos de 1º grau quanto ao uso do computador na escola. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, 6(12): 53-64, 1987.

## SUMMARY

WITTER, Geraldina P. Post-graduation and scientific production: the question of authorship. **Trans-in-formação**, Campinas, PUCCAMP 1(1): 29-37 jan./abr. 1989.

Concerning the decision about the authorship attribution of the scientific production of the post-graduation courses the following variables must be considered: responsibility by the project, involvement in the various phases of the production, conditions for the realization, papers of the adviser, of the teacher and of the pupil.

### UNITERMOS:

Pós-graduação, pesquisa, produção científica e autoria.

### KEY WORDS:

Post-graduation, research, scientific production and authorship.